



SEÇÃO: FILOSOFIA & INTERDISCIPLINARIDADE

Empatia fenomenológica: cenários e possibilidades

Phenomenological empathy: scenarios and possibilities

Empatía fenomenológica: escenarios y posibilidades

Gillianno José Mazzetto de Castro¹

orcid.org/0000-0003-3354-4330
gillianno@gmail.com

Recebido em: 21 jul. 2021.

Aprovado em: 21 set. 2021.

Publicado em: 23 maio. 2022.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo produzir um estudo sobre a empatia a partir da perspectiva fenomenológica. Para tanto, será feita uma distinção entre os vários sentidos e usos da palavra "empatia" na contemporaneidade. Logo após, serão analisadas as várias teorias e modelos explicativos da empatia a partir da investigação de "como" a consciência humana acessa o mundo externo. Dentre os modelos explicativos explorados, destacam-se o modelo *Theory – Theory* (TT), o *Simulation Theory* (ST), o *Integrated Theory* (IT), o *Graded Empathy Hypothesis* (GEH) e o *Reintegrated Theory* (RT). Feito isso, será explorada, mais detidamente, a proposta fenomenológica para a questão da empatia. Por fim, se buscará, à luz da perspectiva fenomenológica, avançar na reflexão sobre a empatia a partir de três ideias: a de ressonância, a de afetação e a de interimplicação, buscando desenvolver os primeiros passos para uma interintencionalidade imanente. Como limites e possibilidades, pode-se notar que é preciso explorar mais os processos de modalização da empatia no processo de constituição do ego, principalmente da vida pré-egótica.

Palavras-chave: Empatia. Fenomenologia. Filosofia.

Abstract: This article aims to produce a study on empathy from a phenomenological perspective. Therefore, a distinction will be made between the various meanings and uses of the word empathy in contemporaneity. Afterward, the various theories and explanatory models of empathy will be analyzed based on the question of "how" human consciousness accesses the external world. Among the explanatory models explored, we can highlight the Theory – Theory (TT), the Simulation Theory (ST), the Integrated Theory (IT), the graded empathy hypothesis (GEH), the Reintegrated Theory (RT) model. Once this is done, the phenomenological proposal for the issue of empathy will be explored more thoroughly. Finally, it will seek, in the light of the phenomenological perspective, to advance in the reflection on empathy based on three ideas: resonance, affectation and inter implication, seeking to develop the first steps towards an immanent inter intentionality. As limits and possibilities, it can be noted that it is necessary to explore more the processes of empathy modularization in the process of constitution of the ego, especially in pre-ego life.

Keywords: Empathy. Phenomenology. Philosophy.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo realizar un estudio sobre la empatía desde una perspectiva fenomenológica. Por tanto, se hará una distinción entre los diversos significados y usos de la palabra empatía en la contemporaneidad. Posteriormente, se analizarán las distintas teorías y modelos explicativos de la empatía a partir de la pregunta de "cómo" la conciencia humana accede al mundo externo. Entre los modelos explicativos explorados, podemos destacar el modelo Teoría - Teoría (TT), el Teoría de la Simulación (ST), el Teoría Integrada (TI), el hipótesis de empatía graduada (GEH), el modelo Teoría reintegrada (RT). Una vez hecho esto, se profundizará en la propuesta fenomenológica del tema de la empatía. Finalmente, se buscará, a la luz de la perspectiva fenomenológica, avanzar en la reflexión sobre la empatía a partir de tres ideas: la de la resonancia, de afectación e interimplicación, buscando desarrollar los primeros pasos hacia una interintencionalidad inmanente. Como límites y posibilidades, se puede señalar que es necesario explorar más los procesos de modalización



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Centro universitário Católica do Tocantins (UniCatólica), Palmas, TO, Brasil.

de la empatia en el proceso de constitución del yo, especialmente en la vida pre-yo.

Palavras chave: Empatia. Fenomenologia. Filosofia.

Introdução

Os estudos sobre a empatia vêm crescendo dentro do cenário da pesquisa filosófica, psicológica e das neurociências (DECETY; ICKES, 2009; SZANTO; MORAN, 2015). A multiplicidade de áreas do saber que se interessam por este tema pode produzir, por um lado, uma riqueza de perspectivas, mas, por outro, pode induzir a uma polissemia de sentido e de significados. Tal realidade é agravada pelo crescimento do uso desta categoria dentro do linguajar popular e não especializado (BATSON, 2009).

Ao refletirmos sobre este tema dentro do horizonte de discussão fenomenológico, mais um complicador pode ser observado, desde o ponto de vista crítico, a partir de uma teoria do acesso. Isto é, a empatia ou a relação empática tem sido tomada e, em alguns casos, reduzida dentro de horizontes tais como o "monismo" (RIZZOLATTI; CRAIGHERO, 2005; STUEBER, 2013; PAUL, 2017), passando por um "dualismo" (DAVIS, 2018; BLANCHET, 2020; IRARRÁZVAL, 2020; VAN RHYN *et al.*, 2021) e chegando a algumas propostas de caráter integrativo (ZAHAVI, 2010; FERRARI, 2014; JIANG; WANG, 2018; LUMMA *et al.*, 2020).

Diante disso, o objetivo deste trabalho é desenvolver uma reflexão de caráter fenomenológico sobre o tema, e principalmente propor uma reflexão da empatia como uma interintencionalidade imanente.

Para fins de estruturação metodológica, este artigo está organizado, na primeira parte, por meio de uma análise das variantes de significado do conceito. Na sequência, na segunda parte, serão observadas as variações de abordagens e de teorias a partir do tema, e, por fim, na terceira parte, se busca desenvolver uma reflexão de base fenomenológica sobre esta categoria para observar as possibilidades de diálogo e os pontos de afastamento com relação à variação polissêmica encontrada na primeira parte e à variação de perspectivas teóricas discutida na segunda.

Empatia: uma polissemia

O primeiro ponto necessário para uma reflexão sobre a empatia orbita a sua definição e o seu uso, haja vista a popularização do termo em várias áreas e esferas do conhecimento. Como categoria, "o conceito que hoje conhecemos como empatia tem sua origem no termo *Einfühlung* no final do século dezenove, na reflexão estética alemã e foi traduzido como empatia no início do século vinte pela psicologia experimental norte-americana" (WISPÉ, 1987). Nesse contexto, um dos primeiros usos dessa categoria foi feita por Robert Vischer, no ano de 1873, dentro da sua discussão sobre a psicologia da *aisthesis* e das formas de percepção (WISPÉ, 1987; LANZONI, 2017).

Contudo, à medida que esse termo foi sendo utilizado e apropriado por outras áreas do conhecimento, uma variedade de usos e de extensões semânticas foi se desenvolvendo, fazendo com que uma amplitude de usos de sentido e de significado fosse se constituindo.

Clarificar estes sentidos e usos da categoria empatia é *conditio sine qua non* para se iniciar uma reflexão. Dentre os mais diversos sentidos e significados, destacam-se, segundo Batson (2009), sete usos mais recorrentes do termo, sendo eles: "empatia" a) como um tipo de conhecimento do estado interior do outro, incluindo os seus pensamentos e sentimentos (ZAHN-WAXLER, 1992; ICKES, 1993; ESLINGER, 1998); b) como uma combinação de respostas neurais (LEVENSON; RUEF, 1992; MELTZOFF; MOORE, 1997; DIMBERG *et al.*, 2000); c) como uma afinidade e similitude com relação ao sentimento que um outro sente (HATFIELD, 2014); d) sob a forma de uma intuição ou projeção do seu contexto de vida dentro da situação vivida por um outro (BATSON, 2017); e) como um exercício da imaginação a partir do qual o outro se indaga como ele se sentiria ou pensaria se estivesse no lugar de um terceiro (DARWALL, 1997; DECETY; JACKSON, 2004); f) sob a forma de um sentimento de angústia por testemunhar o sofrimento de um outro (SINGER; KLIMECKI, 2014); e g) como sentimento de compaixão frente a um outro que sofre (BROWN *et al.*, 2020; ISRAELASHVILI *et al.*, 2020).

Nas categorias acima apresentadas, pode-se notar que a primeira aceção se apoia no modelo analógico de que a experiência empática seria resultado de uma construção cognitiva em relação ao mundo externo, no caso, os outros. Por sua vez, na segunda concepção, pode-se notar que o modelo biológico-neuronal é tomado como referência, reduzindo, assim, a experiência empática ao aparelho biológico-simpático; já na terceira, vislumbra-se ainda a presença do modelo analógico, mas não mais atrelado a um ato da consciência, e sim a um modelo mimético-reprodutivo, abordagem essa bastante vigente dentro das ciências do comportamento.

A quarta abordagem desenvolve a ideia de projeção dentro do contexto do outro, levando a reflexão à dimensão de um mimetismo axiológico, baseado muito próximo àquilo que Scheler (2008) propôs a partir da categoria de empatia. Na quinta abordagem, novamente, pode-se notar o modelo analógico de reprodução consciente, porém, agora do ponto de vista da situação de existência do outro. Enfim, a sexta e a sétima perspectivas orbitam ao redor da temática da compreensão e reprodução do sofrimento do outro, sendo que, na sexta, o movimento é o de angustiar-se pelo sentimento do outro que padece e, na sétima, pode-se notar a reprodução do mesmo sofrimento em si.

Ao se observar as sete perspectivas, um ponto em comum foi notado: a questão do acesso do eu ou da consciência ao mundo externo e ao outro. Tema este muito presente no pensamento fenomenológico de Husserl (2001, 2002, 2004, 2006a, 2006b, 2008).

Logo, a questão da Teoria do Acesso é um dos pontos importantes no qual se pode observar a contribuição da reflexão fenomenológica sobre o tema da empatia em suas múltiplas aceções e variações. Esta teoria é um dos pontos de divergência entre a proposta de acesso analógico de Lipps, *Analogieschluss*, e o acesso estético-cinestésico de Husserl (1973) por meio do conceito de corpo carnal, *Leibkörperlichkeit*.

Em maior detalhe, Husserl (1975) traz esta problemática por meio de uma teoria da inten-

cionalidade já nas investigações lógicas. Em geral, as duas questões que motivam a reflexão sobre uma Teoria do Acesso e, principalmente, na relação dela com a empatia são: a) Como uma pessoa pode saber o que uma outra está pensando e sentindo? e b) O que faz com que uma pessoa possa responder com sensibilidade e cuidado ao sofrimento de um outro?

A tais perguntas, respostas e teorias foram sendo elaboradas durante o século XIX e XX na tentativa de proporcionar explicações a esta realidade da experiência humana. A próxima seção será dedicada à exploração destes modelos explicativos.

Da abordagem clássica ao modelo integrativo

Em geral, a literatura especializada sobre o tema da empatia e a sua relação com a chamada "Teoria do Acesso", aponta para três perspectivas ao redor das quais se discute como ocorre o processo de constituição do acesso (DAVIS, 2018).

A primeira delas, denominada de *Theory - Theory* (TT), estabelece que a conexão empática de conhecimento do mundo externo à consciência ocorre somente por meio de um exercício intelectual de reconstrução dos motivos e das razões de presença do comportamento do outro, isto é: o processo de acesso à realidade externa da consciência é apenas por analogia (THOMPSON, 2001; ZAHAVI, 2011; DVASH, 2014), estando ele ancorado em um mentalismo.

Dentro dessa perspectiva, o monismo da consciência se consolida sob o primado da primeira pessoa, fazendo com que o relacionamento social e a dimensão intersubjetiva se estruturam por meio de um processo gnosiológico através da criação de interfaces sobre o conhecimento de outras pessoas. A partir dessa abordagem, o ponto focal dentro do qual a relação empática se desenvolve é o "como" as pessoas normalmente pensam e se sentem quando reproduzem certos comportamentos.

Desta forma, o processo de empatia limita-se ao seu atributo racional, de tal forma, que toda e qualquer tentativa de uma intencionalidade de

ordem *aesthética* ou cinestésica se torna inadequada ou, *stricto sensu*, imprópria.

Uma segunda abordagem, ainda de base monista, é a da Teoria da Simulação (ST), *Simulation Theory*, (ROCKWELL, 2008). O núcleo fundamental desta teoria orbita a proposição de que compreender os outros seres humanos significa fazer simulações internas de seu comportamento. Desta forma, a relação empática seria a capacidade de se imaginar colocando-se em um determinado estado vital e, em seguida, projetar esse estado nos outros como meio de explicação da capacidade humana de reconhecer o que os outros estão pensando e sentindo (GALLAGHER, 2012; SPAULDING, 2019; GROARK, 2020). Essa forma de empatia é comumente denominada "empatia cognitiva", e se apoia sobre o substrato biológico da tese do neurônio espelho (GUO, 2019; MAIN; KHO, 2020; JOSPE *et al.*, 2020).

A Teoria da Simulação é importante do ponto de vista da pesquisa sobre empatia, porque é nela que podemos encontrar as bases, ainda que de maneira limitada e restritiva, para a tese da ressonância corporal, que será um ponto importante no que toca à reflexão fenomenológica sobre o tema, como, por exemplo, na consideração da ideia de *Leibhaftig*, corporeidade, em Husserl (2005), ou da ideia de intercorporeidade em Ponty (1968), ou ainda em Lipps (1898), a partir da compreensão de que a empatia é uma modalidade de conhecimento *sui generis* em direção ao outro. Já em Husserl (2008), é possível notar uma crítica e uma preocupação com este conceito, principalmente no que se refere ao paradigma da intersubjetividade e à Teoria do Acesso.

Tal intuição husserliana, a saber, que a empatia, *Einführung*, e por sua vez, o mundo externo ao ego não são acessados apenas como um produto do sujeito (psicologismo) ou, ainda, por meio de um processo de teorização (*Simulation Theory*) ou analogia, mas sim, por um caminho particular, encontrou em seus discípulos, tais como Scheler e Stein, desdobramentos significativos.

O pensamento husserliano, valendo-se das reflexões sobre a empatia de sua época, principalmente das contribuições de Theodor Lipps

nas três edições das *Leitfaden der Psychologie*, publicadas respectivamente em 1903, 1906 e 1909, desenvolveu uma teoria na qual a experiência corporal se dá sob a forma de níveis ou de camadas estético-cinestésicas de relação. Como afirma Husserl (2001, p. 290-291):

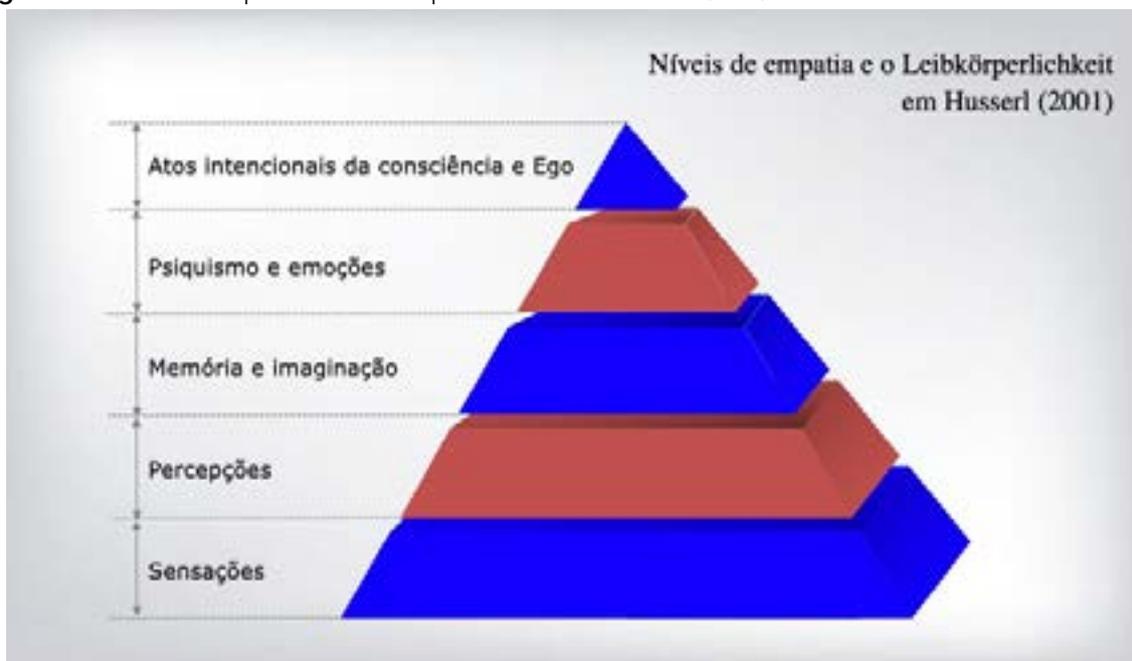
A camada estético-cinestésica faz do corpo de carne uma carne, e a carne é, por assim dizer, o campo e o órgão do Si [...] é um erro atrelar o todo da questão da empatia ao simples movimento da expressão, da expressão carnal, da expressão psíquica [...]. A apreensão da exteriorização, da expressão dos atos e dos estados psíquicos é já mediada pela apreensão da carne como carne.

Nessa passagem, Husserl (2001) introduz um avanço em relação à perspectiva de Lipps, bem como insere uma particularidade em relação a modelos representativos, como os ST, TT. Dentro dessa perspectiva, a relação empática com o terceiro, externo ao sujeito, encontra as suas raízes dentro da esfera estesiológica pré-expressiva, que constitui o espaço centrado sob a dimensão do corpo de carne, *Leibkörperlichkeit*, o horizonte da constituição primária da vida pré-egótica.

Com isso, pode-se ver uma inversão dos polos a partir do monismo egótico das teorias ST, TT, pois, se a vida do outro se dá por meio de uma apreensão, e não de um ato analógico, é, após a manifestação concreta do outro sob sua forma física, que o eu ou o si é capaz de tomar consciência de si.

Dessa forma, o pensamento fenomenológico husserliano estrutura e propõe pensar a empatia como níveis, *Stufen*, e não como tipos, *Arten*. Tais níveis encontram a sua base na ideia de corpo-carne como um conjunto complexo, corporal, vivido, individual, que, partindo da sensação, e passando pela percepção, pela memória e imaginação, chega ao psiquismo e aos sentimentos e, a partir disso, torna-se uma estrutura de atos intencionais de consciência, com uma tomada de posição, que é o ego.

A seguir tem-se a Figura 1, que traz os níveis de empatia e o *Leibkörperlichkeit* em Husserl (2001):

Figura 1 – Níveis de empatia e o Leibkörperlichkeit em Husserl (2011)

Fonte: Original do autor.

Uma terceira possibilidade para se pensar a empatia e os seus desdobramentos se apoia na Teoria da Interação (IT) (*Integrated Theory*), que estabelece que é por meio do encontro encarnado, ou face a face, com outras pessoas que ganhamos a experiência primária de nossos sentimentos e intenções, sem recorrer a teorias internas ou simulação (IRARRÁZAVAL, 2020), que seriam produções *a posteriori* em relação à afetação original.

Esse modelo apresenta a relação empática descolada do monismo da primeira pessoa, abrindo-a à perspectiva da segunda ou terceira pessoa da relação. Dentro desse horizonte, trabalha-se com a ideia de níveis de empatia, sendo que os mais elementares deles seriam os incorporados, *embodied*, e inativos, apontando para uma passividade original (HENRY, 1965, 2004) ou para uma dimensão pré-egótica da experiência de mundo e de si mesmo. Tal horizonte, quando aproximado da reflexão fenomenológica, pode oferecer um terreno substancialmente promissor, principalmente quando pensado a partir de uma interintencionalidade.

Em Scheler (2008), a fenomenologia já passa a desenvolver a ideia de empatia como um acesso experimental ao outro. Logo, a estrutura da per-

cepção e as modalizações da consciência, a partir de sua interação com o mundo da vida, foram ampliadas, fazendo com que não apenas houvesse uma relação de ordem *mente-conteúdo da mente-realidade*, como no caso do psicologismo, mas sim, que um outro canal de consciência fosse desenvolvido, possuindo uma intencionalidade própria, o da experiência perceptiva.

Essa ideia aparece bastante no pensamento de Stein (2003), quando ela propôs a empatia, *Einfühlung*, como uma forma de intencionalidade direcionada à experiência de um outro. Seguindo esta linha de diferenciação e constituição de um modelo explicativo que desse conta da empatia como uma forma de intencionalidade diferente do mentalismo, a fenomenologia encontrou no pensamento de Schutz (1967) mais um avanço, principalmente na distinção entre a empatia orientada para um tu e a empatia orientada para eles.

A partir dessa distinção, além de constituir uma proposta diferente de interação com o mundo, para além do paradigma do psicologismo, já criticado por Husserl, a fenomenologia acabou introduzindo no conceito de empatia um movimento ativo, o da intencionalidade orientada ao tu, e passivo, o da intencionalidade orientado

a eles.

Com isso, a reflexão fenomenológica ampliou os cenários de discussão daquilo que poderia ser encapsulado sob a categoria de experiência constitutiva e perceptiva do presente vivo no mundo. Tal intuição pode ser vista de maneira mais enfática dentro do pensamento fenomenológico, a partir de Merleau-Ponty (1977), na proposição do corpo como um órgão da percepção, mas, principalmente, na introdução da categoria de intercorporeidade.

A proposição de Ponty é importante para a reflexão fenomenológica do conceito de empatia, porque ela radicaliza tal categoria, levando-a para os horizontes pré-constitutivos do ego. Ora, se a relação empática tem a sua origem no fato de existir uma intencionalidade intercorporeal, tal estrutura, muito mais do que um dos movimentos do ego constituído no mundo, passa a ser-lhe constituinte.

Essa radicalização é possível de ser vista, por exemplo, no pensamento de Henry (1990) ao propor o *Pathos avec*, isto é, o *afecta-se com*, ou, em outras palavras, a estrutura constitutiva da experiência de si como um pertencimento à vida, autopercebida dentro de um atravessamento no qual o outro não apenas ressoa, mas se instala como condição original sem a qual não é possível a experiência de si com o ego. Por isso, o fato de Zahavi (2010) pensar a empatia como uma intersubjetividade pré-reflexiva.

Considerando os níveis, ou "camadas de interação empática", à luz do modelo integrado, podem-se conceber três níveis de relação. O primeiro, denominado *empatia primária*, se caracterizaria por um modelo não representacional de relação, e, portanto, se distanciaria da primeira abordagem presente no monismo do modelo (TT); o segundo seria o *conceito estendido* de empatia, que busca estabelecer a perspectiva social de interação a partir do "como se" e da constituição do cenário. Por fim, o terceiro nível é uma *empatia reintegrada*, que concebe a empatia como um produto intencional de uma relação ativo-passiva. Tal proposta pode abrir as portas e permitir pensar aquilo que Levy e Bader (2020)

denominam de hipótese dos graus de empatia, a "*Graded Empathy Hypothesis*" (GEH).

A empatia primária, ou, ainda, o primeiro nível empático não se caracteriza por processos de mentalização da experiência do outro e nem de maneira individual. O campo a partir do qual esta dimensão emerge é o da relação e, portanto, nasce no momento em que dois ou mais sujeitos interagem. Este campo pode ser visto quando exploramos o horizonte da ressonância corporal (SVENAEUS, 2013; RYAN; GALLAGHER, 2020). Sobre o tema, Fuchs e Koch (2014, p. 3) comentam o seguinte:

Como experimentamos as qualidades ou recursos afetivos de uma determinada situação? As emoções são experimentadas por meio do que chamamos de ressonância corporal. Isso inclui todos os tipos de sensações corporais locais ou gerais [...]. Campos de ressonância corporal particularmente ricos são o rosto e o intestino.

A ressonância corporal abre espaço para o entendimento da empatia primária, sob o ponto de vista físico-biológico, como uma forma de homeostase social (MATTHEWS; TYE, 2019; BENDAS *et al.*, 2020; SUVILEHTO, 2020; STERLEY; BAINS, 2021). Contudo, partindo de uma base físico-biológica é preciso pensar como se dá o processo interativo dentro de uma experiência de mundo, buscando, com isso, não produzir um reducionismo ou uma naturalização desta dimensão. Para tanto, uma categoria fenomenológica da qual se pode valer para ampliar esta reflexão é o conceito de *quiasma* presente no pensamento de Merleau-Ponty (1968).

Com este conceito, Ponty (1968) apresenta a dupla dimensão do corpo, uma de caráter objetivo-material e a outra de caráter subjetivo-transcendente, constituindo, assim, uma mesma realidade interatravessada, ou, nas palavras de Ponty, visível e invisível (MERLEAU-PONTY, 1977).

É por conta dessa dupla realidade do corpo, que é possível pensar uma inter-realidade corpórea, na qual o corpo não é apenas a realidade físico-biológica, mas sim uma dinâmica interatravessada na qual a dimensão visível sobre o corpo objetivo que se vê, e do tangível que é

possível tocar e se perceber tocado, apontam para uma realidade para além dela de tal forma que, por não poder se separar, se entrelaçam, ou, na linguagem de Henry (1998), se encarnam. Aqui já se pode antever uma contribuição da reflexão sobre o conceito de empatia que será mais bem explorada na seção três deste estudo.

Desta forma, as dimensões da subjetividade ou do sujeito encarnado são afirmadas na sua dimensão relacional, afastando-as da relação monádica presente na ideia de indivíduo. Há no processo de constituição da experiência do mundo uma interação corporificada (SANTOS, 2017). A relação empática, à luz desta perspectiva e enriquecida pelas contribuições fenomenológicas, passa a ser, portanto, um compartilhamento de uma subjetividade corporificada.

Tal prisma fenomenológico supera o monismo, seja do modelo TT (*Theory-Theory*), seja da proposta ST (*Simulation Theory*), porque, a partir desta visão mais integrativa, o conhecimento do outro aponta para uma anterioridade constitutiva da vida pré-egótica e da sua própria constituição.

Tal realidade abre a reflexão da empatia para o entendimento dela como uma relação de disposição e de abertura afetivo-interativa, que produz uma intencionalidade ativa posterior sob a forma de uma consciência de um ego posicionado, constituindo, assim, uma ressonância intercorporal que é o núcleo interintencional de uma empatia patética, isto é, interafetiva.

Um outro elemento que pode contribuir no entendimento deste processo original e constituinte da empatia se encontra dentro do chamado conceito estendido. Dentro desta perspectiva, a empatia pode ser abordada como um processo em que tanto a dimensão cinestésico-afetiva como a simbólico-analógica contribuem no processo de constituição da experiência do outro. Dentro deste horizonte, há a criação de uma simulação, ou transposição imaginativa, que é expressa pela expressão "como se", isto é, como se o eu estivesse no lugar do outro (LANZONI, 2020).

Em seu núcleo, essa perspectiva supõe o exercício racional e intencional de voltar-se para o outro. Ela busca, propositalmente, colocar-se

na situação do outro e, por isso, constitui ou necessita da criação de uma metaperspectiva em relação a si mesmo e ao outro. Este tipo de abordagem é muito recorrente, por exemplo, nos modelos clássicos de intervenção psicológica, tais como a psicanálise freudiana e lacaniana, na qual a realidade do outro, seja ela afetiva ou situacional, é representada e ressignificada por meio de um movimento simbólico interpretativo.

Por fim, uma outra forma de se pensar a empatia é pelo "Modelo Reintegrado" (*Reintegrated Theory – RT*), já mais próximo daquilo que a tradição fenomenológica, principalmente aquela de Edith Stein e de Max Scheler, vão entender por esta categoria (LEVY; BADER, 2020; WHARNE, 2020). A partir dessa perspectiva, a relação entre a dimensão representacional e a cinestésica se entrelaçam, fazendo com que o movimento empático-cinestésico em direção ao outro seja pensado como uma relação em direção ao externo de si mesmo. Isso faz com que esta seja a forma mais direta de uma presença atual no mundo da vida do outro.

Um dos pontos nevrálgicos desta abordagem é que o sujeito ativo da experiência empática não é o da primeira pessoa centrada no ego, mas sim o outro. Tal prisma inverte o modelo do monismo e mentalismo presente no modelo TT, ou, ainda, na proposta ST, fazendo com que elementos como a memória, as expectativas, a fantasia e as representações assumam uma dimensão secundária em relação ao dado da mostração e da afetação empática.

Uma das questões que devem ser exploradas para um melhor entendimento dessa perspectiva refere-se ao papel das emoções ou da dimensão afetiva na constituição da relação empática. Stein (1989), em suas pesquisas fenomenológicas sobre este tema, propõe que esse processo ocorre na interação do sujeito com os demais no mundo. No entanto, esta modalização se faz a partir do momento em que se constitui o fluxo das vivências dentro do contexto no qual a interação acontece. Tal horizonte rompe com os modelos TT e ST, porque, para eles, a relação empática se dá por meio das interações cognitivas e não

afetivas com a realidade. Um outro ponto de distanciamento refere-se à visão das emoções, pois, a partir da perspectiva de Stein (1989), as emoções devem ser pensadas como interações que se dão no fluxo das vivências e não como realidades isoladas dentro do mundo da experiência do sujeito.

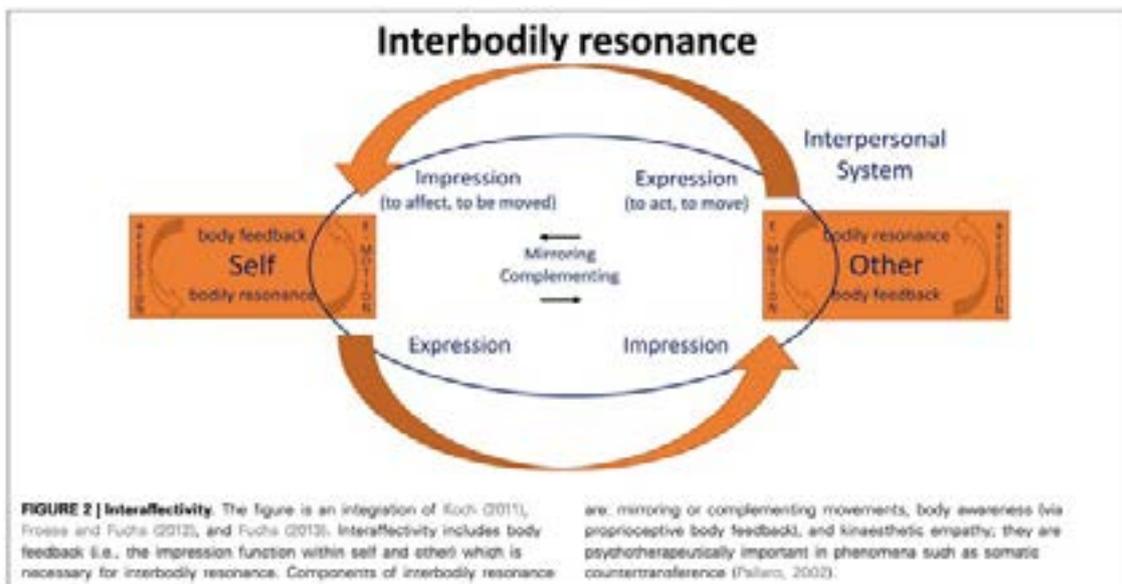
Tal proposição conduz à reflexão sobre a empatia para além da relação sujeito no mundo com os outros, fazendo com que o eixo de análise e de interação se desloque do sujeito posicionado para a relação interativa. Assim, isso faz com que o próprio polo da intencionalidade mude de um *ego* para os *alter egos*, relação eminentemente binária, para uma relação na qual o ego é e está entre outros egos no mundo, ou seja, uma relação de ordem implicada, que pode ser expressa naquilo que, na fenomenologia de Henry (2004), recebe o nome de *Pathos Avec*.

Se voltarmos o nosso olhar para a reflexão

fenomenológica de Stein, é possível notar que, à luz da sua proposição, uma dimensão anterior e mais constitutiva da empatia se desvela, pois, ao assumir a dimensão emotiva como constituinte, e ao pensá-la como fluxo interativo, Stein (1989) desloca o eixo do processo de constituição da empatia do “ai” da presença do sujeito para o “como” da relação.

Esse ponto de vista produz mudanças consideráveis no processo de entendimento do mundo da vida, pois, a partir dela, o monismo do ego se dissolve na relação do fluxo da vida do presente vivo, na qual, empaticamente, todos os seres humanos estão implicados. Dessa maneira, parafraseando uma categoria de Hartmut Rosa (2019), a empatia se torna o núcleo da relação de ressonância no mundo e em si mesmo. O ego se constitui por meio de uma habitação de outros, como propõe o modelo da ressonância intercorporal de Fuchs e Koch (2014):

Figura 2 – Modelo da ressonância intercorporal de Fuchs e Koch



Fonte: Fuchs e Koch (2014, p. 6).

Um dos pontos de avanço da proposta do Modelo Reintegrado é a redescoberta da empatia como um campo relacional e não apenas interativo. Os modelos TT e ST, muito embora trabalhem com a perspectiva da existência de um outro que é concebido como externo ao sujeito, tomam o mundo da vida a partir do horizonte de uma interação na qual o sujeito cria,

analogicamente, uma visão de mundo de forma representativa e unilateral.

Por sua vez, o Modelo Reintegrado acaba afirmando que não é apenas na interação, e sim na relação ou no interatravessamento das subjetividades que é possível pensar a empatia, não como produto mental ou como algo estático, mas sim como fluxo intervinculativo e interintencional.

Tais elementos se mostram relevantes quando pensamos, por exemplo, fenômenos nos quais o fluxo interativo relacional das modalizações da vida é comprometido ou interrompido, como no caso da depressão e de algumas psicopatologias que provocam o descolamento da subjetividade do horizonte relacional da vida (FUCHS, 2013; RATCLIFFE, 2014).

Embora o Modelo Reintegrado da empatia ofereça uma opção mais holística no que toca à experiência empático-cinestésica do mundo, é importante aprofundar mais elementos fenomenológicos para que, assim, se possa entender melhor como se dá esse processo. Para isso, vamos agora aprofundar a contribuição da fenomenologia sobre esse tema.

A empatia como inter intencionalidade imanente: avanços e modalizações em fenomenologia

Após observarmos o caminho que a reflexão a respeito da empatia tem seguido, principalmente do ponto de vista fenomenológico, é possível perceber que esta tradição, ao longo do seu desenvolvimento, vem pensando e propondo esta categoria como uma forma *sui generis* de experiência de mundo.

Porém, se a empatia constitui um modo de pertencimento ao mundo e aos outros, anterior ao ego (ZAHAVI, 2010), é possível conceber uma forma de intencionalidade particular a partir deste movimento, esta seria a interintencionalidade imanente, que pode ser percebida por três movimentos, sendo: a ressonância, a afetação e a interimplicação ou atravessamento.

Por ressonância entendemos a estrutura simpático-constitutiva que faz com que a nossa presença no mundo seja estruturada sob a forma de percepção. Essa estrutura se subdivide, do ponto de vista da estrutura biológica, em três níveis de "conhecimentos": a acurácia, a sensibilidade e a percepção interoceptiva.

Por *acurácia interoceptiva* entende-se o processo ou a disposição à percepção corporal, esse é o horizonte da autopercepção cinestésica, na qual a pessoa é capaz de se sentir, sentindo

o seu corpo como próprio, de forma anterior à constituição do ego.

Esta dimensão pode ser observada na primeira infância, ainda nos meses iniciais, quando a criança começa, aos poucos, a perceber o seu corpo, o corpo da mãe, o contexto no qual ela está inserida, ainda que de maneira bastante amalgamada. Estudos como os de Schandry e Bestler (1995) e Georgiou *et al.* (2015) têm sugerido que há uma correlação entre a capacidade de maior acurácia interoceptiva, a percepção das emoções e as dinâmicas do processamento neural delas.

Essa é a dimensão mais básica da ressonância da identidade ou subjetividade. Um dos caminhos mais comuns para se acessar essa dimensão em adultos, por exemplo, é por meio da mensuração dos batimentos cardíacos de indivíduos submetidos a determinadas atividades, correlacionando-os com a mensuração da taxa de confiança subjetiva no processo de realização da tarefa. Sobre tal tema, Garfinkel *et al.* (2015, p. 66) explicam que "calculada a média, o resultado de confiança subjetiva fornece um índice de sensibilidade interoceptiva para aquele eixo particular de sinalização".

A ressonância, por meio da sua acurácia, leva à reflexão fenomenológica e à reflexão geral sobre a empatia, a possibilidade de se pensar os modelos de autorreferência e de autoconstituição para além do paradigma analógico ou simulatório. A partir da consideração de uma teoria fenomenológica da ressonância corporal, é possível notar que o corpo, como órgão do sentido, mas como espaço encarnado da vida, isto é, o corpo como carne, passa a ser o espaço original da condição empática. Tal condição pode ser melhor entendida quando pensada à luz da categoria da sensibilidade e do conhecimento interoceptivos.

A segunda dimensão é a da sensibilidade interoceptiva, que se ocupa da relação entre a experiência de ser afetado por determinada relação, ou emoção, e como esta experiência se manifesta na corporalidade. Essa dimensão é classificada por Ceunen *et al.* (2013) como a realidade do desempenho comportamental in-

teroceptivo, que contribui para o entendimento de como o indivíduo faz a sua experiência de ser afetado pelo mundo e por si mesmo, e também em qual intensidade essa afetação é percebida (BARRETT, 2017).

Um estudo ilustrativo desta dimensão é o de Nummenmaa *et al.* (2018), que versa sobre como, no nível da sensibilidade interoceptiva, o corpo reage às emoções subjetivas.

Figura 3 – Bodily feeling maps



Fig. 3. Bodily feeling maps. Pixel intensities show regions where each feeling was associated with statistically significant $U^* < 0.05$, FDR corrected bodily sensations. The data are arranged into the matrix approximately as in Fig. 2, clustering is per Experiment 2. Colorbar indicates the effect size. See *SI Appendix, Figs. S4 and S5* for spatial arrangement per t-SNE.

Fonte: Nummenmaa *et al.* (2018, p. 9201).

A partir desse conjunto de gráficos de calor pode-se notar que cada experiência emotiva está atrelada a uma reação física, de tal forma, que há uma relação direta entre sentimentos e reações fisiológicas, inclusive em reações consideradas de ordem mental ou cognitiva, tais como: a atenção e o raciocínio.

Frente a essa dimensão, é possível inferir que é no nível da sensibilidade interoceptiva que se cria o elo entre a experiência de si e do mundo, por meio de uma relação empático-cinestésico-afetiva, constituindo, com isso, o núcleo daquilo que se poderia chamar de ressonância interafetiva imanente. Essa dimensão, em adultos, pode ser acessada e estudada por meio da utilização do questionário de consciência corporal (SHIELDS *et al.*, 1989). De forma análoga, pode-se considerar o *Multidimensional Assessment of Interoceptive*

Awareness (MAIA) (MEHLING *et al.*, 2012).

Ademais, a terceira dimensão da interocepção é a do conhecimento interoceptivo, *interoceptive awareness*, que seria o resultado do processo entre as duas primeiras. Ela se caracteriza como uma metacognição, pois não é nem apenas o equivalente da interação cinestésica corpo-corpo, nem o correspondente à relação corpo-mundo, mas sim, o resultado perceptivo cognitivo dessas realidades. Ela diz o quanto determinadas variáveis e influências, seja do meio, seja da forma como a pessoa se percebe, influenciam nos processos de cognição e de autorregulação (TARRICONE, 2011). É graças a essa dimensão que é possível a sensação do corpo-próprio.

Pensando tais categorias a partir de uma leitura fenomenológica, é possível pensar que o conhecimento interoceptivo se constitui como o espaço

interafetivo e interintencional de constituição da ressonância imanente, condição para o surgimento do ego. Tal realidade pode ser vista de forma mais clara, por exemplo, na relação entre mãe e filho no período da vida intrauterina ou ainda nos primeiros meses após o nascimento. Ali, a relação entre o corpo da mãe e o corpo do feto, ou, ainda, entre a pele da mãe e a do recém-nascido, se tornam um canal de ressonância empática, ou, valendo-nos de uma expressão de Rosa (2019), o "eixo ressonante", que aos poucos permite a constituição do ego e da subjetividade.

Assim, a vida do outro que ressoa no eu e a vida dele próprio que se percebe como afetado, ou ressonante em si mesmo, é a vida de um ser afetado. Dessa forma, a estrutura afetiva, ou estrutura da percepção, (MERLEAU-PONTY, 1977; HENRY, 1990) se apresenta, nesse cenário, como o horizonte constitutivo original, no qual a experiência de se fazer presente no mundo também se manifesta como uma experiência de se sentir, *sentindo-se* com os outros.

Do ponto de vista da estrutura da percepção e da estrutura da constituição original, principalmente em fases pré-egóticas, é a pele, como primeiro órgão do sentido, que possui um importante papel no processo de constituição daquilo que, futuramente, na experiência da constituição da subjetividade, será o processo de constituição da consciência. Como afirma Rosa (2019, p. 116):

Por meio de experiências táteis, então, a pele se torna o primeiro e mais importante meio através do qual o mundo é passivamente experimentado e ativamente explorado e, portanto, através do qual o eu e o mundo são primeiro constituídos e diferenciados.

Uma vez constituído, o processo de afetação se amplia e se diversifica dentro da estrutura da subjetividade, de forma física, pelos demais órgãos do sentido, e também de forma simbólica, pelas interações afetivo-cognitiva com o mundo. Dessa forma, o processo de estar presente no mundo, interagindo com ele, e dele tomando consciência, é em si um misto entre um núcleo constitutivo de base afetiva, que suporta e mantém uma estrutura da consciência de caráter

judicativo, interpretativo e axiológico.

Disso decorre o terceiro ponto, a saber: a inter implicação ou o atravessamento. Partindo de autores como Henry (1998), é possível notar que a estrutura da subjetividade e da vida humana só podem se constituir quando atravessadas, habitadas, pela vida de um outro que com ela interage e convoca à relação.

Esse chamado, que originalmente não é verbal, mas sim, empático interoceptivo, é o que faz com que a subjetividade se instale, e a consciência se estruture por meio de um processo de gênero próximo e diferença específica em relação ao mundo vivido.

Não obstante, para que isso possa ocorrer, um tipo de intencionalidade particular precisa ser mais bem explorada. Este tipo particular é aquilo que na tradição fenomenológica de Stein (1989) e de Scheler (2008) é pensando sob a categoria de *Einführung* (empatia).

Pensar a empatia a partir destas realidades e condições primordiais, em muitos casos, pré-egóticas, significa assumir a condição da imanência da própria estrutura da vida nas suas realidades mais constitutivas (HENRY, 1965).

A imanência aqui se instala como a condição de possibilidade de interação e de constituição do horizonte de sentido e significado, no qual a subjetividade e o ego se instalam sob a forma de consciência.

Dessa forma, uma constituição empática imanente ou, ainda, uma constituição ontoempática, possibilitariam o aprofundamento de fenômenos, por exemplo, como o processo de constituição da experiência de mundo que ocorre na primeira infância ou ainda os seus efeitos ao longo da vida humana, quando este processo interativo, principalmente entre mãe e filho não ocorre.

Considerações finais

O presente estudo buscou reconstruir o caminho do conceito de empatia ao longo do seu desenvolvimento desde o final do século XIX, e suas implicações e possibilidades a partir de uma perspectiva fenomenológica.

O que se pôde notar, é que o conceito de

empatia, que nasce dentro do horizonte da discussão estética sobre a forma de apreensão da realidade, aos poucos vai avançando para uma reflexão sobre as formas como interagimos e conhecemos a realidade, estando presente em modelos teóricos como o TT, ST, até para uma categoria moral, como no caso da empatia entendida como consternação e simpatia.

Além disso, o caminho fenomenológico da reflexão sobre a empatia possibilitou ver que há uma dimensão constitutiva dentro desse conceito que precisa ser não apenas valorizada, mas revisitada.

A "empatia" como uma forma particular de intencionalidade permitiu ver que a relação com o mundo e a sua constituição abrem possibilidades para se entender melhor o processo de instalação da própria subjetividade e do ego no mundo da vida.

Pensar a empatia como uma forma de intencionalidade própria e, portanto, afastá-la do modelo analógico e do mentalismo presentes nas teorias TT e ST, permite à reflexão fenomenológica a possibilidade de refletir sobre os processos constitutivos da experiência de mundo, principalmente quando pensada a partir do projeto de uma fenomenologia da primeira infância. Ideias como as de ressonância, afetação e inter implicação podem ser caminhos que ainda precisam ser mais bem explorados para uma fenomenologia da empatia, bem como é mister delinear como o paradigma do acesso ao outro é, de fato, modalizado por meio de uma reflexão fenomenológica, principalmente à luz das sínteses passivas.

Como limites e possibilidades, pode-se notar que é preciso aprofundar mais, em pesquisas futuras, as modalizações da empatia no processo de constituição do ego, principalmente no que toca a vida pré-egótica, lugar no qual estes movimentos podem ser mais bem observados.

Outros limites e possibilidades que podem ser notados dentro dos desdobramentos destas intuições refere-se à aproximação do Modelo Integrativo (IT) de empatia com a fenomenologia, principalmente aquela presente nos três volu-

mes das Husserlianas que tratam da questão da intersubjetividade. Da mesma forma é possível explorar a proposta de níveis de empatia presentes, seja no conhecimento interoceptivo, seja no modelo da proposta do GEH, isto é, a hipótese da empatia graduada.

Referências

BARRETT, L. F. *How emotions are made: the secret life of the brain*. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2017. 449 p.

BATSON, C. D. These things called Empathy: Eight related but Distinct Phenomena. In: DECETY, J.; ICKES, W. (ed.) *The Social Neuroscience of Empathy*. Massachusetts, NE: A Bradford Book, 2009.

BATSON, C. D. Empathy and altruism. In: BROWN, K. W.; LEARY, M. R. (ed.) *The Oxford Handbook of Hypo-Egoic Phenomena*. Oxford: Oxford Press, 2017. <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/g9780199328079.001.0001>.

BENDAS, J. et al. Dynamics of affective habituation to touch differ on the group and individual level. *Neuroscience*, Netherlands, v. 464, p. 44-52, 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.neuroscience.2020.12.024>.

BLANCHET, R. Empathy as the Opposite of Egocentrism: Why the Simulation Theory and the Direct Perception Theory of Empathy Fail. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 4, p. 751-759, 2020. <http://dx.doi.org/10.1007/s11245-018-09630-5>.

BROWN, C. L. et al. Emotional empathy in the social regulation of distress: A dyadic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, [S. l.], v. 47, n. 6, p. 1004-1019, 2021. <http://dx.doi.org/10.1177%2F0146167220953987>.

CEUNEN, E.; VAN DIEST, I.; VLAAYEN, J. Accuracy and awareness of perception: related, yet distinct (commentary on Herbert et al., 2012). *Biological Psychology*, Netherlands, v. 92, n. 2, p. 423-427, 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.biopsycho.2012.09.012>.

DARWALL, S. Empathy, Sympathy, Care. *Philosophical Studies: An International Journal for Philosophy in the Analytic Tradition*, [S. l.], v. 89, n. 2-3, p. 261-282, 1998.

DAVIS, M. H. *Empathy: a social psychological approach*. New York: Routledge, 2018. 272 p. <http://dx.doi.org/10.4324/9780429493898>.

DECETY, J.; JACKSON, P. L. The functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 71-100, 2004. <http://dx.doi.org/10.1177%2F1534582304267187>.

DECETY, J.; ICKES, W. (ed.) *The Social Neuroscience of Empathy*. Massachusetts: A Bradford Book, 2009.

DIMBERG, U.; THUNBERG, M.; ELMEHED, K. Unconscious facial reactions to emotional facial expressions. *Psychological Science*, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 86-89, 2000. <http://dx.doi.org/10.1111%2F1467-9280.00221>.

DVASH, J.; SHAMAY-TSOORY, S. G. Theory of mind and empathy as multidimensional constructs: Neurological foundations. *Topics in Language Disorders*, Philadelphia, v. 34, n. 4, p. 282-295, 2014. <http://dx.doi.org/10.1097/TLD.000000000000040>.

- ESLINGER, P. J. Neurological and neuropsychological bases of empathy. *European Neurology*, Basel, v. 39, n. 4, p. 193-199, 1998. <http://dx.doi.org/10.1159/000007933>.
- FERRARI, P. F. The neuroscience of social relations. A comparative-based approach to empathy and to the capacity of evaluating others' action value. *Behaviour*, Leiden, v. 151, n. 2-3, p. 297-313, 2014. <http://dx.doi.org/10.1163/1568539X-00003152>.
- FUCHS, T. Depression, Intercorporeality and Interactivity. *Journal of Consciousness Studies*, Cincinnati, v. 20, n. 7-8, 2013.
- FUCHS, T.; KOCH, S. C. Embodied affectivity: on moving and being moved. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v. 5, p. 1-12, 2014. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00508>.
- GALLAGHER, S. Empathy, simulation, and narrative. *Science in Context*, Tel Aviv, v. 25, n. 3, p. 355-381, 2012. <http://dx.doi.org/10.1017/S0269889712000117>.
- GARFINKEL, S. N. *et al.* Knowing your own heart: Distinguishing interoceptive accuracy from interoceptive awareness. *Biological Psychology*, Netherlands, v. 104, p. 65-74, 2015. <http://dx.doi.org/10.1016/j.biopsycho.2014.11.004>.
- GEORGIU, E. *et al.* Interaction of physical activity and interoception in children. *Front Psychol*, [S. l.], v. 6, p. 1-8, 2015. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2015.00502>.
- GROARK, K. P. Comment on Throop and Zahavi, Dark and Bright Empathy: Phenomenological and Anthropological Reflections. *Current Anthropology*, Chicago, v. 61, n. 3, p. 294-295.
- GUO, C. C. The neuroscience of empathy. In: MAIBON, H. (ed.) *The Routledge Handbook of Philosophy of Empathy*. London: Routledge, 2019.
- HATFIELD, E. *et al.* New Perspectives on Emotional Contagion: A Review of Classic and Recent Research on Facial Mimicry and Contagion. *Interpersona*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 159-179, 2014. <http://dx.doi.org/10.23668/psycharchives.2195>.
- HENRY, M. *Philosophie et phénoménologie du corps*. Paris: PUF, 1965.
- HENRY, M. *Phénoménologie Matérielle*. Paris: PUF, 1990.
- HENRY, M. *Incarnation: Une philosophie de la chair*. Paris: Seuil, 1998.
- HENRY, M. *Auto-donation*. Paris: Beauchesne, 2004.
- HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Erster Teil. Prolegomena zur reinen Logik. Haag: Martinus Nijhoff, 1975.
- HUSSERL, E. *Mediações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Madras, 2001.
- HUSSERL, E. *Sur Lintersubjectivité*, I. Paris: PUF, 2001.
- HUSSERL, E. *Zur phänomenologischen Reduktion*. Texte aus dem Nachlass (1926-1935), (Husserliana XXXIV). Dordrecht: Springer Verlag, 2002.
- HUSSERL, E. *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures*. Livre Second. Paris: PUF, 2004.
- HUSSERL, E. *Phantasy, Image Consciousness, and Memory*. Dordrecht: Springer, 2005.
- HUSSERL, E. *Expérience et Jugement*. Paris: PUF, 2006a.
- HUSSERL, E. *Späte Texte über Zeitkonstitution* (1929-1934). Die C-Manuskripte (Husserliana Materialien VIII). Dordrecht: Springer Verlag, 2006b.
- HUSSERL, E. *Idée directrices pour une phénoménologie*. Paris: Gallimard, 2008.
- HUSSERL, E. *Zur Phänomenologie der Intersubjectivität*. Erster Teil. Nague: Martinus Nijhoff, 1973.
- ICKES, W. Empathic Accuracy. *Journal of Personality*, Massachusetts, v. 61, p. 587-610, 1993. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-6494.1993.tb00783.x>.
- IRARRÁZAVAL, L. Empathy for the foreign experience: A convergent phenomenological definition. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, [S. l.], v. 40, n. 3, p. 174-186, 2020. <https://dx.doi.org/10.1037/teo0000128>.
- ISRAELASHVILI, J.; SAUTER, D.; FISCHER, A. Two facets of affective empathy: concern and distress have opposite relationships to emotion recognition. *Cognition and Emotion*, v. 34, n. 6, p. 1112-1122, 2020. <https://dx.doi.org/10.1080/026999931.2020.1724893>.
- JIANG, Y.; WANG, J. A study of cultural empathy in foreign language teaching from the perspective of cross-cultural communication. *Theory and Practice in Language Studies*, [S. l.], v. 8, n. 12, p. 1664-1670, 2018. <http://dx.doi.org/10.17597/tpls.0812.12>.
- JOSPE, K.; FLÖEL, A.; LAVIDOR, M. The interactive effect of empathy and motor cortex stimulation on hand gesture comprehension. *Neuropsychologia*, Netherlands, v. 141, p. 1-8, 2020. <http://dx.doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2020.107412>.
- LANZONI, S. *Empathy: A history*. New Haven: Yale University Press, 2017.
- LANZONI, S. Empathy's translation: Three paths from Einfühlung into Anglo-American Psychology. In: LUX, V.; WEIGEL, S. *Empathy: Epistemic problems and Cultural-Historical perspectives of a Cross-disciplinary Concept*. Brunaby: British Columbia, Canada, 2017. ISBN 978-1-137-51298-7. <http://dx.doi.org/10.1057/978-1-137-51299-4>.
- LEVENSON, R. W.; RUEF, A. M. Empathy: A physiological substrate. *Journal of Personality and Social Psychology*, [S. l.], v. 63, n. 2, p. 234-246, 1992. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.63.2.234>.
- LEVY, J.; BADER, O. Graded Empathy: A Neuro-Phenomenological Hypothesis. *Frontiers in Psychiatry*, [S. l.], v. 11, 2020. <https://dx.doi.org/10.3389%2F-fpsyg.2020.554848>.
- LIPPS, T. *Komik und Humor: Eine psychologisch-ästhetische Untersuchung*. Hamburg, Germany: L Voss, 1898.
- LUMMA, A.; HACKERT, B.; WEGER, U. Insights from the inside of empathy: Investigating the experiential dimension of empathy through introspection. *Philosophical Psychology*, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 64-85, 2020. <https://dx.doi.org/10.1080/09515089.2019.1683727>.
- MAIN, A.; KHO, C. A relational framework for integrating the study of empathy in children and adults. *Emotion Review*, [S. l.], v. 12, n. 4, p. 280-290, 2020. <https://dx.doi.org/10.1177%2F1754073919868755>.

- MATTHEWS, G. A.; TYE, K. M. Neural mechanisms of social homeostasis. *Annals of the New York Academy of Sciences*, New York, v. 1457, n. 1, p. 5, 2019. <https://dx.doi.org/10.1111%2Fnyas.14016>.
- MEHLING, W. E. *et al.* The multidimensional assessment of interoceptive awareness (MAIA). *PloS one*, San Francisco, v. 7, n. 11, p. 1-22, 2012. <https://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0048230>.
- MELTZOFF, A. N.; MOORE, M. K. Explaining facial imitation: A theoretical model. *Infant and child development*, [S. l.], v. 6, n. 34, p. 179-192, 1997. [https://dx.doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0917\(199709/12\)6:3/4%3C179::AID-EDP157%3E3.0.CO;2-R](https://dx.doi.org/10.1002/(SICI)1099-0917(199709/12)6:3/4%3C179::AID-EDP157%3E3.0.CO;2-R).
- MERLEAU-PONTY, M. *The Visible and the Invisible: Followed by Working Notes*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1968.
- MERLEAU-PONTY, M. *Le visible et L'invisible*. Paris: Gallimard, 1977.
- NUMMENMAA, L. *et al.* Maps of subjective feeling. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, [S. l.], v. 115, n. 37, p. 9198-9203, 2018. <https://dx.doi.org/10.1073/pnas.1807390115>.
- PAUL, L. A. First personal modes of presentation and the structure of empathy. *Inquiry*, [S. l.], v. 60, n. 3, p. 189-207, 2017. <https://dx.doi.org/10.1080/0020174X.2017.1261991>.
- RATCLIFFE, M. The phenomenology of depression and the nature of empathy. *Medicine, Health Care and Philosophy*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 269-280, 2014. <http://dx.doi.org/10.1007/s11019-013-9499-8>.
- RIZZOLATTI G.; CRAIGHERO L. Mirror neuron: a neurological approach to empathy. *In: CHANGEUX, JP. et al. (ed.). Neurobiology of Human Values. Research and Perspectives in Neurosciences*. Berlin, Heidelberg: Springer, 2005. http://dx.doi.org/10.1007/3-540-29803-7_9.
- ROCKWELL, T. Dynamic empathy: A new formulation for the simulation theory of mind reading. *Cognitive Systems Research*, [S. l.], v. 9, n. 1-2, p. 52-63, 2008. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cogsys.2007.07.004>.
- ROSA, H. *Resonance: A sociology of our relationship to the world*. Cambridge: Polity Press, 2019. 450 p.
- RYAN JR, K. J.; GALLAGHER, S. Between ecological psychology and enactivism: is there resonance? *Frontiers in Psychology*, [S. l.], v. 11, p. 1147, 2020. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01147>.
- SANTOS, R. *O quiasma do mundo: a questão da alteridade em Merleau-Ponty*. Curitiba: CRV, 2017. 162 p. <http://dx.doi.org/10.24824/9788544419267>.
- SCHANDRY, R.; BESTLER, M. The association between parameters of cardiovascular function and heartbeat perception. *In: VAITL, D.; SCHANDRY, R. (ed.). From the heart to the brain: The psychophysiology of circulation-brain interaction*. Frankfurt: Peter Lang, 1995. p. 223-250.
- SCHELER, M. *The Nature of Sympathy*. Routledge: New York, 2008.
- SCHUTZ, A. *Phenomenology of the Social World*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1967.
- SHIELDS, S. A.; MALLORY, M. E.; SIMON, A. The body awareness questionnaire: reliability and validity. *Journal of Personality Assessment*, [S. l.], v. 53, n. 4, p. 802-815, 1989. http://dx.doi.org/10.1207/s15327752jpa5304_16.
- SINGER, T.; KLIMECKI, O. Empathy and compassion. *Current Biology*, [S. l.], v. 24, n. 18, p. 875-878, 2014. ISSN 0960-9822. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cub.2014.06.054>.
- SPAULDING, S. Cognitive Empathy. *In: MAIBON, H. (ed.). The Routledge Handbook of Philosophy of Empathy*. London: Routledge, 2019.
- STEIN, E. *On the Problem of Empathy*. Washington: ICS Publications, 1989.
- STEIN, E. *Il problema dell'Empatia*. Edizioni Studium. Roma, 2003.
- STERLEY, TL.; BAINS, J. S. Social communication of affective states. *Current Opinion in Neurobiology*, [S. l.], v. 68, p. 44-51, 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.conb.2020.12.007>.
- STUEBER, K. Empathy. *In: LAFOLLETTE, H. (ed.). International Encyclopedia of Ethics*, 2013. <http://dx.doi.org/10.1002/9781444367072.wbiee736>.
- SUVILEHTO, J. T.; RENVALL, V.; NUMMENMAA, L. Relationship-specific encoding of social touch in somatosensory and insular cortices. *Neuroscience*, [S. l.], v. 464, p. 105-116, 2021. <https://dx.doi.org/10.1016/j.neuroscience.2020.09.015>.
- SVENAEUS, F. Depression and the Self Bodily Resonance and Attuned Being-in-the-World. *Journal of Consciousness Studies*, [S. l.], v. 20, n. 7-8, p. 15-32, 2013.
- SZANTO, T.; MORAN, D. Phenomenological discoveries concerning the 'We': Mapping the terrain. *In: SZANTO, T.; MORAN, D. (ed.). The phenomenology of Sociality*. London: Routledge, 2015.
- TARRICONE, P. *The taxonomy of metacognition*. Psychology Press, 2011.
- THOMPSON, E. Empathy and consciousness. *Journal of Consciousness Studies*, [S. l.], v. 8, n. 5, p. 1-32, 2001.
- VAN RHYN, B.; BARWICK, A.; DONELLY, M. Embodiment as an instrument for empathy in social work. *Australian Social Work*, v. 74, n. 2, p. 146-158, 2021. <https://dx.doi.org/10.1080/0312407X.2020.1839112>.
- WHARNE, S. Empathy in phenomenological research: Employing Edith Stein's account of empathy as a practical and ethical guide. *Methods in Psychology*, [S. l.], v. 5, 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.metip.2021.100053>.
- WISPÉ, L. History of the concept of empathy. *In: EISENBERG, N.; STRAYER, J. (ed.). Cambridge studies in social and emotional development*. Empathy and its development. Cambridge University Press, 1987. p. 17-37.
- ZAHAVI, D. Empathy, Embodiment and Interpersonal Understanding: From Lipps to Schutz. *Inquiry*, [S. l.], v. 53, n. 3, p. 285-306, 2010. <http://dx.doi.org/10.1080/00201741003784663>.
- ZAHAVI, D. Empathy and direct social perception: A phenomenological proposal. *Review of Philosophy and Psychology*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 541-558, 2011. <http://dx.doi.org/10.1007/s13164-011-0070-3>.
- ZAHN-WAXLER, C.; ROBINSON, J. L.; EMDE, R. N. The development of empathy in twins. *Developmental Psychology*, [S. l.], v. 28, n. 6, p. 1038-1047, 1992. <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.28.6.1038>.

Gillianno José Mazzetto de Castro

Doutor e mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande, MS, Brasil – com estágio doutoral na Universidade da Califórnia-Berkeley, EUA; pós-doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em Porto Alegre, RS, Brasil; graduado em filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco(UCDB); diploma em Teologia pela Pontifícia Universidade Salesiana, na Itália; curso de formação em líderes educacionais pela Universidade de Harvard, EUA; Pós-graduação em Growth Hacking & Agile Mindset pela HSM University. Reitor do Centro universitário Católica do Tocantins (UniCatólica), em Palmas, TO, Brasil.

Endereço para correspondência

Gillianno José Mazzetto de Castro
Centro Universitário Católica do Tocantins
ACSU-SE 140
Av. Teotônio Segurado, LT 01, QD 1402 Sul
Centro, 77024-710
Palmas, TO, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.